



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA PROPOSTA PARA REFLEXÃO SOBRE O TEMA AOS DISCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Gilberto Antonio Peres (SEE-MG)
gilbertoaperes@yahoo.com.br

Simone Azevedo Floripi (UFTPR/PROFLETRAS UFU)
simone.floripi@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta uma possibilidade de reflexão sobre o fenômeno da variação linguística pelos discentes dos anos finais do ensino fundamental, no espaço escolar. Nossa intenção é levar os alunos a perceberem que o uso da língua envolve também questões sociais e que, a partir do momento em que reconhecem a existência de fatores condicionadores da variação linguística, eles se tornam capazes de incorporar em sua visão de mundo vivências de momentos de interação social. Inicialmente, expusemos sobre como documentos oficiais brasileiros atuais, como os Parâmetro Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), abordam essa questão. Para focar a questão sociolinguística, fundamentamo-nos em Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2009, 2015), Bagno (2007, 2013), Cyranka (2015, 2016), Possenti (2012), Scherre (2008). As atividades para propiciar a reflexão são apresentadas por meio de exemplares do gênero discursivo tiras, com personagens da Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz, cujos temas são exemplos práticos e que favorecem uma abordagem sociolinguística. Apresentamos a análise das respostas dos discentes que evidenciou a necessidade de os profissionais docentes promoverem o debate acerca da variação linguística no espaço escolar a fim de que os alunos compreendam a língua como um fenômeno heterogêneo e pratiquem também o respeito à diversidade linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Língua Portuguesa. Variação linguística. Reflexão.

ABSTRACT: This work presents a possibility of reflection on the phenomenon of linguistic variation by students from the final years of elementary school, in the school space. Our intention is to make students realize that the use of language also involves social issues and once they recognize the existence of factors that condition linguistic variation, they become able to incorporate experiences of moments into their worldview of social interaction. Initially, we discussed how current Brazilian official documents, such as the National Curriculum Parameters (BRASIL, 1998) and the National Common Curricular Base (BRASIL, 2017), address this issue. To focus on the sociolinguistic issue, we based on Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2009, 2015), Bagno (2007, 2013), Cyranka (2015, 2016), Possenti (2012), Scherre (2008). The activities to promote reflection are presented by means of copies of the discursive genre, with characters from Antônio Cedraz's Turma do Xaxado, whose themes are practical examples, which favor a sociolinguistic approach. We present the analysis of the responses of the students that evidenced the need for the teaching professionals to promote the debate about linguistic variation in the school space in order that students understand the language as a heterogeneous phenomenon and also practice respect for linguistic diversity.

KEYWORDS: Teaching. Portuguese language. Linguistic variation. Reflection.



1 Introdução

O ensino de Língua Portuguesa atualmente tem recebido consideráveis orientações no sentido de que ele se dinamize na perspectiva da variação linguística. No entanto, bastantes desafios ainda limitam as escolas e as impelem a propor e desenvolver projetos mais consistentes, com o intuito de concretizar uma reflexão que respeite a diversidade linguística.

Há relevantes textos de sociolinguistas brasileiros produzidos de forma acessível aos docentes da educação básica atualmente (BORTONI-RICARDO, 2005; BAGNO, 2007, 2013; FARACO, 2009; COELHO et al. 2015; POSSENTI, 2012; SCHERRE, 2008; CYRANKA, 2015, 2016, etc). Nosso anseio é que os profissionais vislumbrem a possibilidade de promover nas salas de aula da educação básica as reflexões sobre a variação linguística a fim de ocasionar uma prática escolar com uma visão da língua realmente heterogênea.

Dessa forma, este artigo apresenta uma possibilidade de discussão, por meio de atividades com o gênero discursivo tira com o objetivo de auxiliar docentes com exemplos práticos para atuação baseada em uma abordagem sociolinguística. Estruturamos nosso texto em cinco seções, sendo a primeira a introdução; na segunda seção analisamos como a variação linguística é abordada pelos documentos oficiais atualmente no Brasil; na terceira, descrevemos a metodologia das atividades propostas, aplicadas e analisadas; na quarta seção, apresentamos as atividades propostas e suas análises; na quinta seção, apresentamos nossas considerações finais e nossas referências.

2 A variação linguística em documentos oficiais brasileiros

É importante termos em mente que não há como pensar a prática do ensino de língua portuguesa sem conceber a variação linguística. No caso da educação brasileira, especificamente, recorreremos aos pressupostos teóricos de dois documentos oficiais, tomando como marco temporal a última década do século XX e as duas primeiras



décadas do século XXI, nos referindo aos Parâmetros Curriculares Nacionais¹ (1998) e a Base Nacional Comum Curricular² (2017).

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais,

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em ‘Língua Portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais (BRASIL, 1998, p. 29).

Esse fragmento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) endossa a prática docente de língua abordando o fenômeno da variação linguística que pretendemos atender com os embasamentos teóricos da sociolinguística educacional. Inicialmente na citação, confirma-se a ideia de que todas as línguas sofrem variação e possivelmente mudam com o passar do tempo, o que não é diferente com a Língua Portuguesa. No entanto, o professor precisa atentar-se para o fato de que “Nossa tradição confunde o conceito de unidade linguística, relacionada à própria situação de monolinguismo, com a homogeneidade, apoiando-se no mito da perfeita inteligibilidade entre os brasileiros de todos os quadrantes” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.73).

¹ Os PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais - são diretrizes elaboradas para orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais concernentes a cada disciplina. Os PCN **servem** como norteadores para professores, coordenadores e diretores, que podem adaptá-los às peculiaridades locais. Publicados em 1998.

² Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento federal homologado em 20 de dezembro de 2017 Ensino Fundamental, “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)” (BNCC, 2017, p.7).



Diante disso, precisamos compreender que somos um país falante da língua portuguesa (monolinguismo), no entanto, vários fatores condicionam constantes mudanças na língua, por isso ela não é uniforme (homogênea). Para além do fator relacionado ao espaço intercontinental da nossa realidade brasileira, Bortoni-Ricardo (2005, p.175) acrescenta que nas sociedades humanas as pessoas não falam do mesmo modo e até uma mesma pessoa não fala sempre da mesma maneira. Portanto o trânsito dos falantes por vários espaços sociais – *“intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante”* - contribui para que haja mudanças linguísticas, quando um falante incorpora traços linguísticos de outra comunidade de fala. O fragmento dos PCN não menciona somente a variação diatópica (diferentes regiões); faz alusão também à variação social (diferentes valores sociais), o que nos permite concluir que nenhuma tentativa de “padronização” é suficiente para impedir a variação linguística.

O documento oficial mais recente que é diretriz para a educação básica brasileira é a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC) o qual nos instiga a uma prática escolar com a língua portuguesa também numa perspectiva da variação linguística. Preliminarmente, discutimos uma das competências gerais da Educação Básica, proposta por esse documento:

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p.10).

Essa competência nos desperta para uma atitude de sensibilidade ao (re)afirmar a condição humana numa sociedade de direitos, mas também de diferenças. No entanto, cada indivíduo precisa ser valorizado não só nas suas particularidades de saberes e particularidades culturais, como também em suas competências. A atitude de acolhimento não deverá ser um ato isolado e inerte; é preciso que, a partir da forma

como o aluno/falante chega ao espaço escolar, todos os esforços devam ser empenhados para o crescimento do ser humano. Finalmente, como essa atitude de colaboração é desprovida de qualquer preconceito, é óbvio que o repertório linguístico do aluno/falante também não deverá ser motivo de inferioridade, senão caracterizará um preconceito linguístico³.

A BNCC apresenta as competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental; parte desse texto em que encontramos um norte para o trabalho com variação linguística no espaço escolar. Três dessas competências, as quais transcrevemos, confirmam tal propósito:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. **4.** Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos. **5.** Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual (BNCC, 2017, p. 85).

De acordo com a BNCC, a competência **1** nos apresenta claramente a proposta de um trabalho com a língua numa perspectiva do uso; a variação nos é mostrada de forma natural, bastante clara (as escolhas lexicais confirmam: “fenômeno variável, heterogêneo”), além de reforçar as influências do espaço social de vivência dos alunos/falantes na questão de uso linguístico. As competências **4** e **5** são bastante interligadas com a competência **1**, o que de fato sustenta uma proposta de ensino da língua conforme os preceitos da Sociolinguística, “uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos” (COELHO et al., 2015, p.12). As variedades se ajustam aos espaços e às situações diversas de comunicação; portanto, diversidade linguística e respeito formam um “binômio” que assegura as condições de aprimoramento linguístico de nossos alunos.

³ De acordo com Scherre (2008, p.143) “A discriminação pela linguagem é certamente um dos maiores fatores de exclusão social”.



Não nos faltam razões para que os docentes se sintam fortalecidos a promoverem na sala de aula “a discussão sobre a variação linguística, orientando os alunos a reconhecerem as diferenças dialetais e, mais importante, a compreenderem que essas diferenças são normais” (CYRANKA, 2016, p. 169). Dessa forma, pensamos em aplicar os preceitos da sociolinguística em sala de aula para avaliarmos como os alunos responderiam aos novos olhares e discussões a respeito da sua língua em sociedade.

3 Metodologia

Toda proposta de atividades necessita de planejamento para alcançar os objetivos pretendidos, o que não é diferente no contexto escolar. Para organizar nossa proposta de debate sobre a variação linguística com alunos da educação básica (especificamente uma turma de 29 alunos do 8º ano dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual mineira, na cidade de Guimarães), procedemos a um estudo sobre o tema (variação linguística), criamos as atividades a serem aplicadas e as fundamentamos no aporte teórico, ao qual também recorreremos para fundamentar a análise das respostas obtidas, constituindo o *corpus* deste trabalho.

O material que aqui utilizamos (explorado com mais detalhes na seção 4) é parte da dissertação de Mestrado Profissional em Letras (Profletras –UFU⁴) concluído em 2018.

Os dados (respostas dos alunos aos questionamentos propostos e produção de tiras) foram analisados qualitativamente, cujo objetivo segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 49) é o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” no dia a dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para os atores que deles participam. Nosso interesse foi na descrição e na interpretação dos dados, relacionados ao contexto em que estão inseridos, ou seja, buscamos o olhar dos

⁴ Filho, Ottoni e Alves (2018, p. 133-135) expõem que o Profletras é um programa *strictu sensu*, oferecido em rede nacional, coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com atividades iniciadas em 2013; dele participam mais de quarenta Instituições de Ensino Superior (IESs) públicas, no âmbito da Universidade Aberta do Brasil (UAB). O intuito do programa é contribuir para a qualificação de professores de Língua Portuguesa da rede pública em efetivo exercício em sala de aula no ensino fundamental, em diversas partes do país.



alunos acerca de seu próprio conhecimento linguístico a fim de que a consciência sociolinguística possa ser instaurada na nossa prática escolar.

4 Apresentação das atividades propostas e análise da aplicação

4.1 Fundamentação teórica da proposta

Uma das formas de trabalho com a variação linguística é a possível exploração das atividades do livro didático de língua portuguesa, que fazem parte de um conjunto de instrumentos que podem mediar o fazer pedagógico. No entanto, comumente, a forma como esse material apresenta o tema acontece de uma forma fragilizada⁵. Conforme Faraco,

Os livros didáticos têm dado um tratamento muito superficial ao tema, no mais das vezes limitado à apresentação, algo folclorizado, da variação geográfica ou um tanto quanto estereotipada das falas rurais. Os livros didáticos deixam de fora a variação social que é, de fato, a verdadeira questão a ser enfrentada, já que é ela que serve de critério para os gestos de discriminação dos falantes e de violência simbólica (FARACO, 2015, p. 20).

O fato de apresentar uma abordagem folclorizada implica até mesmo desestímulo dos professores para elaboração de projetos consistentes, talvez até uma conduta de menosprezar o tratamento do tema em sala de aula. Ou optam pela realização de uma abordagem tão superficial, capaz até mesmo de estigmatizar falantes de variedades consideradas inferiores socialmente, o que não é profícuo.

⁵ O Guia do Plano Nacional do Livro Didático e do Material Didático 2020 (PNLD 2020) – Língua Portuguesa para Ensino Fundamental Anos Finais, na parte em que apresenta a análise das coleções aprovadas, recomenda que “É fundamental, portanto, que o(a) professor(a) auxilie o(a) estudante na percepção das particularidades da língua na contemporaneidade, a variação linguística e o respeito aos diferentes modos de registro linguístico nas práticas sociais de uso do português brasileiro, para além do contexto escolar. É importante que o(a) professor(a) apresente atividades que levem à reflexão ética, responsável e respeitosa sobre a adequação, o grau de formalidade, de realização oral e escrita da língua, bem como promova a compreensão sobre como se constituem as variedades linguísticas” (Guia Digital PNLD 2020, p.24)



Consideramos produtivo que o saber linguístico dos estudantes seja valorizado no espaço escolar, sendo conveniente uma proposta que, preferencialmente, comece a lidar com as variedades linguísticas com exemplos reais. Nossos alunos, além de refletirem sobre o fenômeno da variação linguística, precisam da oportunidade de vivenciarem novas experiências linguísticas, de conhecerem outras normas linguísticas diferentes daquela de sua comunidade de fala.

Por isso, o objetivo da proposta de nossas atividades não é apresentar um trabalho com uma variável linguística, ou seja, analisar “algum elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes, conforme a variedade linguística analisada” (BAGNO, 2007, p. 50). Pretendemos que o aluno reflita no espaço escolar de uma forma mais contundente o fato de que a língua que usa passa por processos de mudanças e que formas diferentes podem ocorrer ao mesmo tempo normalmente.

E nessa oportunidade de reflexão sobre os usos da língua, nossa intenção é que os alunos a façam com um olhar expressivo para as questões sociais, e não apenas para as questões linguísticas. Visamos a que o foco da discussão seja o conhecimento e a conscientização sobre a diversidade linguística, refletindo sobre o tema por meio de questionamentos que incorporem também um pouco da terminologia de variação linguística. Dessa forma, espera-se que possam conceber melhor o entendimento de que há condicionadores sociais que levam à variação linguística. E, para além disso, ao se apropriarem desse entendimento, tornem-se também produtores de textos que expressem sua visão de mundo registrando vivências de momentos de interação social em que presenciam a variação linguística.

Espera-se com esse trabalho de conscientização realizado que, na escola, aos poucos “os alunos vão naturalmente incorporando certo vocabulário da reflexão linguística: uso formal, grau de escolarização, monitoração da linguagem, distanciamento etc” (CYRANKA, 2015, p.47).

Para o desenvolvimento da proposta escolhemos o gênero discursivo tiras⁶, mais especificamente dois exemplares de tiras da Turma do Xaxado, do baiano Antônio Cedraz. Procuramos exemplos de textos que apresentem situações nas quais o leitor (o aluno) se reconheça e se identifique, sentindo que sua experiência de vida é focada pelo material de leitura e que, ao mesmo tempo, o que está veiculado nesse material contempla sua realidade.

Portanto, ao pensar nesta escolha para nossa proposta, refletimos que:

Por serem as tiras representações de situações possíveis de acontecer no dia a dia, abre-se a possibilidade de se refletir sobre papéis desempenhados pelas pessoas na sociedade e sobre as relações entre as pessoas quando interagem e têm de exercer suas funções de acordo com o culturalmente estabelecido (LINS, 2015, p. 178).

Esforçamo-nos para que as tiras escolhidas de fato pudessem contribuir para a discussão de situações linguísticas e sociais relacionadas à vivência dos alunos, aquelas que melhor refletem sobre sua cultura.

Essa turminha (Turma do Xaxado) tão peculiar é

formada por personagens tipicamente brasileiros, cada um com seu jeito próprio de falar, pensar e agir, passando pelas várias classes econômicas, graus de instrução etc. É uma turminha heterogênea como o povo brasileiro, vivendo histórias que falam da nossa terra, encantos e problemas, mas sem perder de vista a universalidade da experiência humana (CEDRAZ, 2010, p.4).

O fato de serem considerados personagens tipicamente brasileiros favorece a relação com uma cultura de valores nacionais projetados na criação deles. Por mais

⁶ Adotamos o conceito desse gênero como sendo “uma pequena narrativa quadrinizada, não precisando ser uma história e pode até ter um só quadro, mas há sempre narratividade. É comum ter um ou mais personagens constantes, com determinadas características de interesse, fundamental para o entendimento da tira e seu objetivo. Geralmente, as tiras são usadas para a crítica social ou de algum caráter” (TRAVAGLIA, 2015, p.70). Também o chamamos de texto multimodal. Rojo (2012, p.19) define os textos contemporâneos chamados multimodais como “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar.”

diferentes que sejam entre eles, são representantes de identidades brasileiras diferentes, inclusive linguisticamente distintas, o que favorece a qualquer falante brasileiro refletir habilmente sobre a questão da variação linguística. Torna-se um momento propício também para discutir que o homem se (re)faz culturalmente em permanente processo de interação social.

Em conformidade com o objetivo de nossa proposta, pela forma como organizamos o debate sobre a variação de nossa língua, esperamos êxito uma vez que “A Turma do Xaxado é formada por personagens genuinamente brasileiros, que falam a nossa língua e vivem a nossa realidade” (CEDRAZ, 2006, p.4).

Salientamos que, antes da aplicação das atividades, os alunos devem conhecer os personagens que compõem a Turma do Xaxado; isso é importante para que os estudantes tenham mais facilidade na leitura e compreensão das tiras, durante as atividades.

A figura 1 nos mostra cada um dos seis personagens principais que compõem a turma, com os respectivos nomes, colocados abaixo em sequência da esquerda para a direita.







Figura 1 – A Turma do Xaxado



Disponível em: <http://blogmaniadegibi.com/2012/09/conheca-antonio-cedraz/> Acesso em 25.jun.2020

A caracterização de cada personagem principal da turma está no quadro 1, abaixo. Chamamos a atenção para o fato de que, especificamente para esta proposta, interessam-nos, prioritariamente, os personagens Zé Pequeno e Marieta.

Quadro 1 – Caracterização dos personagens da Turma do Xaxado

	<p>Xaxado é neto de um famoso cangaceiro que vivia com o bando de Lampião. Sensível, alegre e sempre atento às belezas e problemas da vida no campo, Xaxado é como um sol ao redor do qual circulam todas as outras personagens e histórias da turma.</p>
	<p>Zé Pequeno tem fama de ser um menino preguiçoso, que passa o dia inteiro dormindo, mas isso não é verdade. Quem conhece Zé sabe que ele também fica pescando, ouvindo música, namorando, inventando desculpa pra não ir pra aula, tomando banho no rio, subindo em árvore, passeando de jumento, fugindo do trabalho...</p>
	<p>Marieta vive corrigindo a fala “errada” dos outros. Para ela, isto é muito mais do que um passatempo, é uma verdadeira cruzada em defesa da língua portuguesa. Apaixonada por livros, Marieta adora ler um bom livro, estudar e aprender coisas novas para, um dia, tornar-se professora.</p>
	<p>Arturzinho é egoísta, avarento, vaidoso, chato, exibido, insensível, interesseiro. As “qualidades” do nosso amigo são tantas que, para falarmos delas, precisaríamos escrever uma enciclopédia inteira. Filho de um rico fazendeiro, é uma dessas pessoas que acham que dinheiro compra tudo, inclusive as pessoas. Arturzinho Albuquerque é tão metido que é o único personagem da Turma que tem até sobrenome...</p>
	<p>Marinês é uma garota como muitas outras de sua idade, mas que tem no pensamento um objetivo de vida que muito adulto sequer dá a mínima atenção: a convivência saudável entre o ser humano e a natureza, em busca de um mundo no qual as pessoas respeitem e cuidem dos animais, das plantas, das águas, do solo, do ar... Outra preocupação da garota é, também, um assunto muito sério mesmo: lidar com Zé Pequeno, o namorado preguiçoso!</p>
	<p>Capiba: quer ser um cantador tão famoso quanto Luiz Gonzaga e conquistar o mundo com sua música. Para quem não sabe, Capiba é irmão de Marinês.</p>

Disponível em: <http://turmadoxaxado.blogspot.com.br/2008/12/conhea-turma-do-xaxado.html> Acesso em 25. jun. 2020

A seguir, apresentamos nossas atividades propostas, a análise da aplicação em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, além de algumas reflexões com embasamento teórico relacionadas tanto ao propósito de elaboração de cada atividade, bem como a nossas considerações sobre as respostas dadas pelos estudantes. Cabe aqui ressaltar que neste artigo discutimos apenas parte das atividades propostas aos alunos a fim de direcionarmos nossa discussão às questões sociolinguísticas mais especificamente com relação às noções de “certo” *versus* “errado”, variação linguística, variedades linguísticas, norma linguística.

4.2 Apresentação e aplicação das atividades

ATIVIDADE 1

Apresentamos aos alunos a tira correspondente à figura 2 e pedimos que, após análise, respondessem oralmente às perguntas propostas.

Figura 2 – Falar certo e errado



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000** tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 190

- A) O que é falar errado?
- B) O que é falar certo?
- C) Como as pessoas com quem vocês convivem falam: certo ou errado?

Nosso pensamento para a proposta desta atividade se fundamenta na afirmação de que “Certo é tudo que está conforme às regras ou princípios de um determinado grupo dentro dos limites do próprio grupo” (SCHERRE, 2008, p.18). Dessa forma, o que extrapola os limites de um grupo deverá ser interpretado como diferente, não como errado, mas nem sempre os falantes têm a consciência dessa verdade. A situação retratada pela tira vai além da ideia de limites do grupo ao se referir a falantes que convivem num mesmo espaço. Nesse caso é preciso considerar fatores que condicionam a variação da língua (tanto social quanto individualmente), principalmente os que são inerentes ao grupo. Diante de uma postura de valoração tradicional em relação à língua, alicerçada em certo e errado, Possenti afirma que

Se nossas perguntas são sempre sobre o que é certo ou errado, e se nossas repostas a essas perguntas são sempre e apenas baseadas em dicionários e gramáticas, isso pode revelar uma concepção problemática do que seja realmente uma língua, tal como ela existe no mundo real, isto é, na sociedade complexa em que é falada (POSSENTI, 2012, p. 22-23).

Um ensino de língua direcionado para os conceitos de certo e errado ignora o fato de que todo grupo social possui suas normas, além de consolidar a visão de que “Costuma-se pensar o ensino da língua como ensino de gramática, e o ensino de gramática como ensino de regras” (POSSENTI, 2012, p. 86).

Seguem respostas dos estudantes às perguntas propostas, complementadas por nossas reflexões.

A) O que é falar errado?	
A4 ⁷	Fala rápido, de qualquer jeito.
A7	Uai! (risos). Falar errado, errado, não! Tem o vocabulário e a fala mais

⁷ Os estudantes participantes da pesquisa foram designados pela letra A, seguida de um número referente à ordem da turma, conforme uma lista alfabética.

	humilde, do interior, tem sotaque.
A8	Depende do lugar, do jeito de falar. Nordeste, por exemplo.
A9	Depende do costume.
A17	Ouviu alguém falar e acha que é certo.
B) O que é falar certo?	
A17	Usar as regras da gramática. (<i>Ninguém mais se manifestou depois da resposta desse participante.</i>)

Após os comentários dos participantes pudemos conduzir a discussão para que repensassem suas respostas para o entendimento de que, inclusive na fala, há o diferente no lugar do certo e do errado. Em primeiro lugar, mostramos a eles que apresentaram, em seus comentários sobre o falar errado, vários fatores que justificam a “fala diferente”: o sotaque (A7), o lugar onde se vive (A8), os costumes (A9); o participante A7 mesmo já se manifesta com a ideia de excluir o conceito de errado, dizendo “Falar errado, errado, não!”.

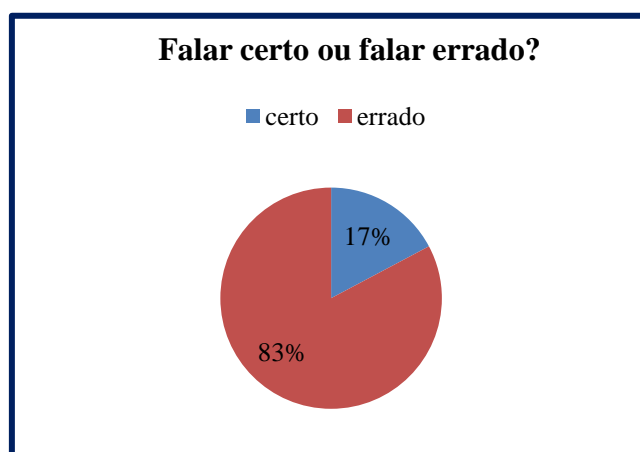
Em segundo lugar, percebemos na resposta do A17 à pergunta B o emprego da palavra “regras” (aqui entendida como sinônimo de normas⁸) inibindo todos os outros participantes a se manifestarem. De fato, quando se busca o conceito do que é certo, a oportunidade para discussão é praticamente inexistente, principalmente quando ainda se tem a concepção de que uma regra não se discute. Por isso todos os outros participantes se mantiveram calados, concordando com o comentário feito. O que se confirma diante da situação é que nossas escolas ainda reforçam um ensino de gramática normativa, com conceitos bem arraigados.

⁸Adotamos o conceito de norma, conforme Faraco (2009, p.74): “a palavra *norma* tem, no uso contemporâneo, dois sentidos. No primeiro, norma se correlaciona com normalidade (é norma o que é *normal*). No segundo, norma se correlaciona com normatividade (é norma o que é *normativo*). Nos estudos linguísticos, *norma* designa primordialmente aquele conjunto de fenômenos linguísticos que são correntes, habituais (“normais”) numa determinada comunidade de fala. No funcionamento monitorado da língua, porém, a palavra *norma* é usada com o sentido de preceito, isto é, designa aquilo que tem caráter normativo, que serve, no interior de um projeto político uniformizador, para regular explicitamente os comportamentos dos falantes em determinadas situações”. No caso específico de nossa análise, evidencia-se o segundo sentido, ligado à ideia de normatividade.

C) Como as pessoas com quem vocês convivem falam: certo ou errado?

Responderam a essa pergunta 29 alunos (24 disseram que as pessoas falam errado e 04 disseram que as pessoas falam certo). Para demonstrar a resposta dos participantes a essa pergunta, elaboramos o gráfico (1):

Gráfico1: Falar certo ou errado



Fonte: Autoria própria

Finalmente, quando os participantes julgaram a fala das pessoas com quem convivem, houve uma forte influência do comentário em relação às perguntas anteriores. Lemos pelo gráfico que eles consideraram apenas a ideia de certo ou errado, predominando o julgamento de que fugir às “normas gramaticais” é considerado erro.

Para concluir a discussão, e com o intuito de que entendessem o sentido de **diferente** neste contexto, comentamos com eles algumas ideias relacionadas às mudanças no uso da língua.

Após a aplicação da atividade proposta e análise das respostas dos alunos, convencemo-nos de que o nosso maior desafio como professores de língua portuguesa é encontrar “uma pedagogia que sensibilize as crianças e os jovens para a variação, de

tal modo que possamos combater os estigmas linguísticos, a violência simbólica, as exclusões sociais e culturais fundadas na diferença linguística” (FARACO, 2009, p. 180). Quanto mais antecipada for essa discussão no espaço escolar, com certeza menos serão as exclusões por razões linguísticas e mais promissora será a compreensão da diversidade linguística e o conseqüente respeito a ela.

ATIVIDADE 2

Com o intuito de conseguir dos estudantes o envolvimento na reflexão sobre variação linguística, na continuidade aplicamos a segunda atividade com outra tira (figura 3) na qual a personagem Marieta defende a compreensão da gramática normativa em um diálogo com Zé Pequeno, que domina uma norma linguística bastante distinta de Marieta. Propusemos questionamentos que provocam a avaliação da norma linguística utilizada pela personagem Marieta.

Figura 3 – Explicação complicada



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.191

Após a leitura da tira, propusemos que os estudantes respondessem às seguintes perguntas:

- A) Que norma é essa que Marieta usa para conversar com Zé Pequeno?
- B) Será que todos falamos desta forma? Quais são as diferenças entre a fala de Marieta e a fala de vocês? Por que isso ocorre?

As postostas mais consistentes foram:

A) Que norma é essa que Marieta usa para conversar com Zé Pequeno?	
A1	Ela usa uma língua formal, só deve usar no momento certo, no dia a dia pode ser informal.
A24	Linguagem formal; dependendo da pessoa ou região, nem entende.
A26	Usa uma norma só indicada para os momentos certos como na escola, em reuniões da Câmara.

Os participantes já demonstraram o entendimento de que o uso da língua depende muito da adequação; mencionaram, inclusive, em quais momentos a norma empregada por Marieta deve ser usada. Os conhecimentos adquiridos em nossa vida contribuem muito para essa percepção; o participante A26 é filho de um vereador da cidade e apresentou conhecimento de qual variedade linguística se usa na realização das reuniões da Câmara.

B) Será que todos falamos desta forma? Quais são as diferenças entre a fala de Marieta e a fala de vocês? Por que isso ocorre?	
A8	Para Marieta é a língua do dia a dia, nós só usamos em ocasiões especiais. Uma pessoa da minha família fala assim. Eu não gosto.
A17	EXPLICAR-TE-EI é muito difícil encontrar. (<i>A turma manifestou que nunca encontrou.</i>)
A23	Ela estuda demais.
A26	Usamos esta forma só na escrita, em entrevistas de emprego.

Os estudantes já apresentaram a percepção de que identificar os contextos de uso das normas é um fator importante na prática comunicativa. Essa percepção indica o entendimento deles de que a língua não é uniforme.

Conforme A8, a norma usada por Marieta não é comum no cotidiano de todos os falantes, somente em “ocasiões especiais”. Em situações de familiaridade, de proximidade, de intimidade entre os falantes, não é agradável que se use tal norma. De



acordo com as respostas de A23 e A26, o domínio dessa norma está condicionado à aprendizagem dela nos bancos escolares: oportunidade de conhecer a norma-padrão.

Finalizando a discussão a respeito desta atividade, para nós, os professores, evidencia-se o questionamento sobre como ensinar a gramática na escola. É fundamental, até mesmo imprescindível, que nos desapossemos de

uma ideia milenar equivocada: a de confundir língua (sistema natural de comunicação humana) com gramática normativa (um livro feito por falantes-pesquisadores, com ênfase especial na modalidade escrita de prestígio, uma das muitas faces do exercício do poder (SCHERRE, 2008, p.84-85).

Acreditamos que o professor precisa se manter em contínua formação, atualizando sua prática docente acerca das inovações **da** e **na** educação, inclusive e, principalmente, nas questões linguísticas, pois “a atividade linguística não é *falar e entender uma língua*, mas *falar e entender algo novo por meio duma língua*.” (COSERIU, 1979, p. 94). Quando o estudante tem seu repertório linguístico bem aprimorado pelo ensino escolar, com certeza ele se disporá de mais facilidade para aprimorar também seus conhecimentos de forma mais ampla.

Outro ponto a ser refletido se refere às justificativas para o ensino predominante de gramática normativa na escola. Não convencemos mais dizer que, por meio da aprendizagem da nomenclatura de estruturas gramaticais ligadas a um padrão ideal da língua, o cidadão será amplamente inserido em grupos de prestígios sociais, tendo inclusive, acesso aos bens de direito e a confortáveis condições de vida. Não estamos afirmando que é irrelevante conhecer a norma-padrão; antes, tão sério quanto a aprendizagem escolar, é sensato pensar na equidade do favorecimento das condições sociais e econômicas, indispensáveis ao acesso e permanência na escola, para que o aprimoramento do conhecimento de qualquer cidadão, inclusive do conhecimento linguístico, possa permitir acertadamente seu trânsito na sociedade. Assim, ratificamos que

o mero domínio da norma-padrão não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um



indivíduo carente. É preciso garantir, isto sim, o acesso à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito (BAGNO, 2013, p. 91).

Considerações finais

A elaboração e a aplicação dessa proposta de atividades levaram em consideração a necessidade de se discutir a relação de dependência que há entre o uso da língua na comunidade de fala e a forma como a língua é tratada pela escola. Pensamos as atividades de modo a conseguir dos alunos o interesse em refletir a língua na sua diversidade; para nós, professores, foi uma oportunidade para relacionar a experiência na sala de aula com os princípios teóricos estudados.

Nossa intenção também é fornecer um aporte para colegas professores, na viabilidade de aplicar essas atividades, tendo em vista que os livros didáticos de Língua Portuguesa ainda apresentam uma lacuna referente à necessidade de discussão a respeito da variação linguística. Ademais, nossas atividades não se apresentam prontas com uma qualificação de receita, mas sim como um procedimento repleto de reciprocidade: uma proposta para aplicação e uma proposta de contribuição de outros profissionais docentes para aprimorá-la. Temos a convicção de que é proveitoso sempre pesquisar sobre nossa prática e permitir um momento de trabalho pedagógico diferenciado no espaço escolar, principalmente quando também há momentos de exposição oral para que os alunos abordem questões pertinentes ao espaço social onde vivem suas experiências.

Finalmente, acreditamos em que “O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre sua própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46). Dessa maneira, pensamos em um professor que analisa seu próprio desempenho, busca meios para ajudar a si mesmo e aos seus pares, buscando sempre o aprimoramento de sua própria prática.



Referências

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 55 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental – **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, SEB/MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, SEB/MEC, 2017.

_____. **Guia Digital PNLD 2020**. Brasília, DF. SEB/MEC, 2019. Disponível em <https://pnld.nees.com.br/pnld_2020> Acesso em 25.jun.2020.

CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**. São Paulo: Presença, 1979.

CYRANKA, L. F. M. A pedagogia da variação linguística é possível? In: FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. (orgs.) **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 31-51..

_____. Sociolinguística aplicada à educação. In: MOLLICA, M.C.; JUNIOR, C.F. (orgs.) **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 167-176.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. (orgs.) **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 19-30.

FILHO, E. A.; OTTONI, M. A. R.; ALVES, M. L. de B. Mestrado Profissional: interações institucionais e formação docente para a educação básica. In: GUIMARÃES, S.; NETO, W. G.(orgs.) **Mestrado Profissional**: implicações para a educação básica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018, p. 123-148.

LINS, M. P. P. Os contos de fada na visão de Mafalda: ou até quando vamos ser os frangos da literatura? In: CARMELINO, A. C. (org.) **Humor**: eis a questão. São Paulo: Cortez, 2015, p. 155-180.



POSSENTI, A. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R; MOURA, E. (Org.) **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p.11-31.

SCHERRE, M. M.P. **Doa-se lindos filhotes de *poodle*:** variação linguística, mídia e preconceito. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.

Recebido Para Publicação em 01 de julho de 2020.

Aprovado Para Publicação em 30 de julho de 2020.